



Redacção, Administração e Composição:  
Rua Barjona de Freitas, n.º 26 e 28  
Telefone 82310—BARCELOS

SEMANÁRIO REGIONALISTA—FUNDADO EM 1911  
POR PORTUGAL! ✦✦✦ POR BARCELOS!

Impressão: Companhia Editora do Minho  
Rua D. António Barroso  
BARCELOS

ASSINA- Trimestre, 10\$00; Semestre, 20\$00; Ano, 35\$00  
Estrangeiro, ano 60\$00 e por via aérea, 175\$00  
TURAS: África, ano 45\$00 e por via aérea, 110\$00  
(PAGAMENTO ADIANTADO)

Administrador, Proprietário e Director: ROGÉRIO CALÁS DE CARVALHO  
Editor: JOSÉ LUCINDO CARDOSO DE CARVALHO

SÁBADO, 31 DE MARÇO DE 1962

Número avulso—1 escudo  
Os Senhores Assinantes gozam o desconto de 10%  
Assinaturas para o Brasil, ano 50\$00, por via aérea 160\$00  
ESTE N.º FOI VISADO PELA CENSURA

## Ainda a Protecção do Artesanato Folclórico

Permitam-me que acrescente mais algumas notas à da semana anterior.

Se o problema da protecção do artesanato folclórico reclama uma perspectiva de conjunto e requer uma solução nacional tal não pode significar, todavia, que, isoladamente, em círculos restritos, onde quer que haja uma tradição artesanal ameaçada de morte ou abastardamento (o que, do ponto de vista em que me coloco, representa o mesmo), se lhe não procure, entretanto, com os recursos disponíveis, acudir.

Mas convirá reflectir: Toda a gente está de acordo em que do projecto duma ponte se encarregue um engenheiro, que para a elaboração ou revisão duma escrita comercial se chame um contabilista; toda a gente também acharia um disparate que a ponte fosse entregue a um farmacêutico ou a escrita a um electricista. Quero dizer com isto que, no nosso caso, tratando-se dum problema que mexe com algo que a Etnografia estuda, se me afigura indispensável a colaboração dum etnógrafo. (1) Ou neste domínio, como no da arte, quem quer é suficiente para dizer a última palavra?

Considerada esta reserva, sem dúvida que, dentro do âmbito municipal, muito de útil e bom se poderá realizar.

Coisas relativamente simples, algumas. P. e.: a instalação de museus que documentem as manifestações de arte popular locais.

Dos serviços que tais instituições podem prestar eu não acreditaria que alguém duvidasse se não me ocorresse que à Câmara de Barcelos foi oferecida, há não sei quantos anos, uma colecção de louça regional, carinhosa e, segundo creio, criteriosamente organizada, não se lhe tendo dado até hoje o lugar competente, pois se mantém inacessível.

Para confronto, lembro que em Caruaru, no Brasil (perdoem a insistência), em Novembro do ano passado, se inaugurou um Museu de Arte Popular, que os seus organizadores pretendem transformar no ponto de convergência para a exposição da cerâmica popular brasileira. E mestre Vitalino (de quem falei noutra oportunidade), regozijando-se com o evento, *expressou a esperança de que, com a instalação do Museu, aumentará a procura dos trabalhos de cerâmica.* (2)

Outros aspectos do problema, apesar de toda a dificuldade com que se nos apresentam, clamam também atenção imediata.

Transcrevo, do editorial de «O Século» a que me referi há oito dias, um fragmento: «...a vulgarização e multiplicação de artigos produzidos industrialmente, em série, diminuiu o interesse pela confecção da maioria dos artigos artesanais, até porque, entretanto, se terá acentuado a exploração do artesanato por comerciantes gananciosos que remuneraram péssimamente o modesto artífice a quem se devem a invenção e a execução de tantas pequenas obras-primas de arte popular—e que não hesitam em pedir ao comprador exorbitâncias por essas peças que adquiriram por dez-réis de mel coado» (3) Admite e denuncia, pois, o articulista a existência da exploração do artesanato por comerciantes gananciosos; todavia, presumo que quando ele disse: *se terá acentuado*, sabia que podia dizer: *se acentuou*.

Revertamos ao figurado de Barcelos:

Rocha Peixoto, em 1899, no seu conhecido e fundamental estudo *As Olarias de Prado* (4), no capítulo que dedica ao *Conspicuo Social*, deixou dito: «...por vezes entre o fabricante e o público há um intermediário local, também oleiro [hoje alguns há que não são oleiros (5)], mas, por mais traficante e aventureiro, tendo previamente encomendado, a tarefas, uma certa quantidade de vasilhas [hoje tais encomendas estendem-se ao figurado] que depois vende distante. Este é o mercador de profissão coíhem um lucro de 300 a 600 por cento, o que constituiria uma monstruosa iniquidade se esta mercância, como todas, na moral vigente, não fosse um comércio honrado!»

O eufemismo que vela uma descarável espoliação, da mesma sorte encobre, em todo o país, a língua que assim explica a ruína impune das olarias rurais.» (6)

Desde estas palavras de R. Peixoto vão 63 anos! E, entretanto, modificou-se a situação? Precisaréi de responder? Aqui, falando apenas para barcelenses, cuído que não. Por revelar a hediondez da negociata, da rei, porém, o desataviado e transparente diálogo que uma bonequeira arrancou da sua experiência para me fazer ver (*faça de conta que está a ver*, me disse ela) como as coisas se passam entre os dois principais personagens da peça: o explorado e o explorador. Isto é um supor:

«Tenho louça pra vender e vou ter com ele [o armazenista]: /— Senhor F. tenho lá uma loucinha e

precisava de vender alguma pra minha vida... /— Não quero, estou cheio. /— O senhor mas eu precisava de cem ou duzentos escudos... /— Tens muita? /— Tenho. /— Bem, vai lá buscá-la, como precisas, pra te fazer o jeito... /— Vou pra casa, encho duas canastri-nhas: /— Olhe sr. F. aqui está. /— A como é isto? /— Esta a tanto, esta a tanto (a fazer preço de necessidade)... /— Olha mandei-te trazer mas não preciso dela, já te disse. Se quiseres dar a tanto deixa-a ficar. Senão até te agradeço que a leves embora.

No tempo morto é que eles se arranjam. Quando há umas feitinhas sempre governamos melhor a vida.

Sabe? Tiram na pele e o pelaço. Havia cá um homem que, ao domingo, antes da missa, quando aparecia algum deles, dizia:

«Ai vem Maria muito bem composta mas é à minha custa e à vossa.»

Fora de dúvidas que o dístico rematava muito bem esta nota, se não houvesse umas incógnitas que pedem lápis para efectuar as contas.

Com efeito, será necessário averiguar os valores daqueles tantos para bem medirmos o papel que o chamado armazenista desempenha na zona cerâmica de Barcelos.

Podemos, contudo, ficar na certeza de que urge conseguir para os indefesos coroplastas uma forma colectiva de venda que lhes permita fugirem à ignóbil especulação do intermediário. Já R. Peixoto considerava necessária a *cooperação na defesa contra esse tráfico cruel e exaustivo.* (7)

E. LAPA CARNEIRO

- (1) E nada digo sobre a remuneração. Mas vale a pena ponderar: se é legítimo que o engenheiro e o contabilista cobrem um estipêndio pelo seu trabalho, porque não haveria o etnógrafo de fazer o mesmo?
- (2) Vd. *Journal de Letras*, n.º 148 (Dezembro de 1961).
- (3) 17—2—62.
- (4) In *Portugália*, t. I, pp. 227—270.
- (5) Não deixarei de registar uma outra possível inovação: alguns armazenistas são também vendedores. Desta forma, fornecem ao pobre do barista gêneros a crédito e aceitam o seu pagamento por meio de figurado em branco, ao qual dão o valor que lhes apetece, e que o bonequeiro, no aperto, se vê forçado a aceitar.
- (6) Loc. cit., pp. 265—266.
- (7) Loc. cit., p. 269.

E. L. C.

Albino José Rodrigues Leite



No dia 5 de Abril—quinta-feira—faz 32 anos que faleceu este nosso querido Amigo, que foi distinto Editor de «O Barcelense» e que muito lutou pelo progresso de Barcelos.

Aos nossos prezados leitores rogamos uma prece pelo eterno descanso da alma de tão prestante Cavalheiro.

## LUZ NA FAVELA

— a propósito do livro «Quarto de Despejo», da negra brasileira Carolina Maria de Jesus.

Nessa Favela imunda quem diria  
Que do Espírito a luz raiar pudesse,  
E da miséria se escrever viesse  
O que dela saber não lembraria.

Fôra uma Negra, a quem a Fome, um dia,  
Sarcástica inspirara a que dissésse  
O que é que sente aquele que a conhece,  
Pois falar dela até se distraía...

E a pobre Negra, a quem a negra Vida  
Um sorriso negara—resolvera  
Escrever sobre a fome então vivida.

E retratou-a—fiel—porque a sofrera.  
Que a Fome,—tão falada e discutida,  
Só sabe traduzi-la o que a vivera.

Lx. Março 1962

A. Marques de Azevedo

## BARCELOS E OS SEUS PROBLEMAS

por Ercília Novaes Machado

Todas as nações, todas as terras e até todas as pessoas, no seu estreito mundo, tem problemas. Porém, há que encará-los objectivamente, abstraído-os dum *subjectivismo* sempre nocivo, quando se trate de problemas que envolvam, na sua complexidade, os duma maioria ou duma sociedade. Creemos que não se afirma nada de inédito, nem de transcendente. Só o não vê quem não quer ver, ou mais não alcance.

Quando então se pretenda *objectivamente* estudar os problemas duma terra, há que enfrentá-los com todo o realismo—se honestamente se pretende iniciar-lhes resolução—ou puro idealismo de visionário—se não se procura mais do que esbracejar sem nexo, ou vozear sem outro fim que não seja o de fazer barulho. Há quem lhe chame *crítica construtiva*. Crítica será. Mas de construtivo tem apenas o nome.

Infelizmente, isto é uma das grandes pragas das terras pequenas, que, por sua má sorte, mais se atrofiam na medida em que mais se afirma esta inversa. Chamados à liça para trabalharem pelo bem comum, em breve mostram do que são capazes. Porém, nem mesmo esta experiência, numa introspecção rigorosa, lhes permite ver melhor, o que é só de lamentar, já que este estado de coisas, se não entorpece os espíritos superiores por demasiado conhecimento da fraqueza humana, atemoriza os incautos, deprime os pacíficos, confunde e desmoraliza os novos. Dificilmente estas terras encontram quem queira servi-las. E alguém bem intencionado que apareça, é logo envolvido pela massa iracunda do *vespeiro*, que não fez nem deixa fazer. Servem-se ou são servidos, eis tudo. Nada mais lhes interessa, embora apregoem o contrário. Daí, a decadência a pique destas terras, pela falência das instituições ou dos organismos que regem, pelo derrotismo faccioso nos meios de informação ou deformação que manejam, quando sózinhos na compita, apenas logram desacreditar mais a terra e o regime que dizem servir. Em nome do bem comum, urge saná-las! Infelizmente Barcelos não foge à regra. Os seus problemas são vastíssimos. A nosso ver o fomento da sua indústria e a protecção à sua agricultura, estão na base de todos eles. A cidade há de ser o que forem as suas 89 freguesias. A riqueza destas há-de reflectir se, favoravelmente, naquela. A fome e a miséria das aldeias não-de enegrecer o *facies* social da cidade. Por muito que se fale em turismo para justificar a prisão dos pobres que mendigam, se não forem tomadas outras medidas adequadas, a situação não se modificará. E o cariz da cidade permanecerá o mesmo, obscuro, triste e ultrapassado.

Para o fomento da indústria o primeiro passo a dar era a criação de força electromotriz e uma Escola Industrial. Sem técnicos não há indústria. (Talvez valha a pena referir, em parêntesis, o *trabalho construtivo* que tiveram os «críticos» de Barcelos para impedir que a Escola fosse criada. Parece impossível, mas é verdade!)

Sem força electromotriz também não pode haver indústria. Em 1953 apenas estavam electrificadas 8 freguesias. Há dois anos já existiam 70. Impunha-se desde logo um curso de Electrotecnia, na Escola, que ainda não existe.

Nos ricos concelhos limítrofes, que os «críticos» tanto citam como paradigmas, a maior riqueza da indústria distribue-se pelas freguesias.

Estamos assim em presença dum início de fomento que Barcelos deveria ter conhecido há 20 anos, pelo menos, já que sem estas fontes de energia vitais, não pode haver progresso.

Na protecção à agricultura o único organismo que Barcelos possui com tal fim é o Grémio da Lavoura. Es-

peremos que haja um programa a enformar toda a actividade destes grêmios. Se não há, ou é deficiente, levemos o assunto à Assembleia Nacional por intermédio dos deputados. Não deixemos que ele seja debatido apenas pela oposição nos comícios eleitorais. Sendo a agricultura a maior fonte de riqueza do concelho de Barcelos, e que se tem feito no sentido de lhe dar a protecção que merece?

A feira semanal, importantíssimo escoante dos produtos agro-pecuários, transforma por completo todo o aspecto da cidade, cujo comércio vive, quase exclusivamente, desses produtos que o lavrador transacciona. A um mau ano agrícola corresponde, regra geral, ano de crise no comércio local. Todavia, o lavrador é ainda quem tira a parte mínima no rendimento dos seus produtos; a parte de leão usufruem-na os intermediários, que os fazem chegar à mão do consumidor, por preços exorbitantes, às vezes. Não raro, num fim de feira, vemos-se no chão, abandonados, montículos de legumes, fruta e flores. Em contrapartida, no Porto, há crianças que esquadriham o balde do lixo à procura de restos de couves, ou cascas de maçãs...

Conclusão: porque não existe por intermédio dos organismos respectivos, uma coordenação tal que o lavrador tire real recompensa dos seus produtos, com colocação imediata e adequada?

Porque não houve até hoje, em Barcelos, um curso de Conservas de Frutos e Produtos Hortícolas, quando os grêmios de pequenas vilas o tem requisitado e conseguido gratuitamente?

Além dum melhor aproveitamento daqueles produtos por parte do consumidor, na sua origem, haveria melhor recompensa para o lavrador que, por seu lado, desejaria beneficiar a qualidade dos seus frutos se tivesse garantia de colocação. E porque não, um novo ramo industrial a desenvolver em Barcelos, se a fruta e os produtos hortícolas são riquezas inaproveitadas nesta região de exuberante fertilidade? E adegas corporativas? E cooperativas? E aluguer de tractores e outros utensílios da lavoura moderna, que o pobre lavrador não pode comprar?

Que benefícios práticos trará para Barcelos a nova reforma agrária?

Estes e muitos outros problemas que afectam o nosso meio rural, é que desejávamos ver defendidos com interesse pelos organismos locais e no Parlamento.

Entretanto, sabemos encerrar os problemas de Barcelos numa escala de valores que não sirva para desencorajar, antes auxiliar, quem assumiu, por gosto ou sem ele, a chefia dum cargo sempre difícil.

Enfrentemos corajosamente a realidade, sem nos deixarmos adormecer embalados na glória dum passado que teve heróis e santos, porque eram doutra ténpera os homens de antanho.

Combatia-se publicamente em defesa de ideais nobres que revertessem em favor da grei. Desta luta leal, salam vencidos os interesses mesquinhos e os favoritismos aviltantes, para só ressaltar o amor à sua Pátria, à sua terra e ao seu Deus! E hoje?

Os homens mudaram muito...

Mas das cinzas do passado, podem erguer-se, se os jovens quiserem, novas forças que não de reflorescer num futuro auspicioso para Barcelos, quando os homens passarem também, para só ficarem as obras que eles deixaram!

(Continua)  
Barcelos—26—3—1962.

### Imposto sobre consumos supérfluos ou de luxo; obrigações a cumprir pelos comerciantes que vendem ao público

1.º—Os estabelecimentos ou empresas que, habitual ou acidentalmente, vendam ao público qualquer dos produtos ou prestem serviços abrangidos ou sujeitos a este imposto, deverão participar essa qualidade ou ocorrência na Secção de Finanças do concelho ou bairro da situação dos estabelecimentos, NO PRAZO DE TRINTA DIAS.

2.º—E ficam obrigados ou cumprimento das seguintes formalidades:

a). Escriurar em livro próprio todos os actos de aquisição, com indicação discriminada da sua proveniência, quantidade, espécie e indicação do número da factura. A escrituração deste livro poderá ser simplificada desde que nele se faça referência à factura de aquisição, a qual deve ficar guardada em arquivo próprio e referenciada com o número de ordem que lhe couber naquele livro;

b). Apresentar, no prazo de 60 dias, uma nota de todos os produtos sujeitos a imposto, adquiridos anteriormente ao início da escrituração do livro referido na alínea anterior, e ainda não vendidos, trocados ou devolvidos;

c). Passar, em duplicado, facturas ou notas de todas as vendas ao público, com o nome do estabelecimento, discriminação expressa do preço, espécie e quantidade, e indicação do respectivo imposto;

d). Escriurar em livro próprio e seguidamente a cada operação de venda o imposto correspondente e anotar, no mês seguinte, o número da guia do seu pagamento. Quando a venda for feita em prestações ou com espera de preço deverá a operação ser escriturada como venda de realização e cumprimento imediatos;

e). Entregar na competente Tesouraria da Fazenda Pública, nos primeiros dez dias de cada mês, por meio de guia do modelo oficial, o imposto correspondente às operações do mês anterior;

f). Arquivar os duplicados das facturas ou notas a que se refere a alínea c) e mantê-los em ordem adequada a um fácil confronto com as guias de entrega do imposto e os demais elementos necessários à demonstração da arrecadação e pagamento do imposto devido;

g). Discriminar nos preços de venda ao público dos artigos expostos a parcela correspondente ao imposto de consumo;

h). Afixar no estabelecimento, em lugar bem visível para o público, uma lista dos produtos à venda sujeitos ao imposto, visada pelos serviços de informações fiscais ou de fiscalização;

3.º—Os prestadores de serviços sujeitos a este imposto ficam obrigados ao estabelecido anteriormente, na parte aplicável, e ainda com a obrigação de discriminarem em todos os elementos documentativos a importância relativa aos serviços e a correspondente aos produtos sujeitos a imposto de luxo ou já tributados em imposto sobre artigos de perfumaria ou de tocador.

## BARCELOS POR DENTRO

Hoje vamos conversar um pouquinho acerca dum assunto esplanado muito por alto em diversas crónicas desta secção, focado pela simples razão de seguimento de ideias, pois tínhamos em mente reservar-lhe um cantinho grande, para ficar suficientemente esclarecido e notado por quem de direito, para uma satisfatória solução.

Vamos então falar de luz! Da luz que ilumina o espírito humano e guia os homens no dia a dia das suas relações sociais? Da luz que dimana de Deus até aos homens para que eles deixem de ser aquilo que são e se tornem nos seres primários quanto a perfeição material e espiritual? Ou ainda daquela luz, fluxo electrónico que brilha em nossas casas, que faz maravilhas ao mover uma locomotiva, ao aquecer um disco, ao transmitir os programas de televisão ou rádio? Será desta luz, chamada eléctrica, que vamos ocupar a nossa atenção durante uns minutos? É bem verdade, é desta luz que se move nos fios de cobre, aos saltinhos como se dançasse o twist ou o rock and roll, desde as centrais eléctricas ou térmicas, até ao mais afastado centro populacional, que será a roda viva das nossas atenções.

A nossa atenção reservar-se-á somente sobre o tocante a iluminação dos nossos monumentos nacionais, já que a época dos turistas se aproxima e essas pequenas maravilhas de Barcelos se encontram às escuras. Mas para além de turistas, importa valorizar a nossa terra, dotando com uma iluminação eficiente essas zonas onde a nossa história sobressai em cada pedra secular, como lume vivo a lembrar o esplendor, a vitalidade, a riqueza dos «maiores» de Barcelos em tempos de antanho.

É confrangedor dar um passeio à noite pela zona da Câmara Municipal, ruínas dos Paços Duques de Bragança, mesmo até à Esplanada do Turismo, e ver, ou melhor, quase não ver o que Barcelos tem de melhor em monumentos nacionais. A escuridão é total e os efeitos dessa falta também não parecem ser menores...

Ao olharmos embevecidos para a soberba figura do grande Bispo e Missionário D. António Barroso lembramo-nos da luz espiritual que a sua capacidade de Homem da Igreja espalhou por esse Portugal continental e ultramarino e lamentamos profundamente que o seu grandioso Monumento, que devia atestar, quer de dia como de noite, essa dilatação da fé e do império, se encontra não melhor do que os outros referidos monumentos. É até um paradoxo bastante grande: à luz radiante da sua Santidade, contrapõe-se o negro do bronze e da noite sem luz.

Virando-nos agora para o centro da cidade, não é difícil chegar à conclusão idêntica. O Senhor da Cruz, a Torre de Menagem, o chafariz do campo da feira, o Hospital da Misericórdia, as Obras, etc., etc., estão nas mesmas condições.

Parece-nos que o assunto focado da iluminação dos monumentos está na ordem do dia. O grande diário da Capital, «Diário Popular», que sempre luta por causas justas e nobres para a valorização espiritual e material do país, publicava, um dia destes, esta oportuna notícia:

«Lisboa, através de uma oportuna e feliz decisão do actual presidente do seu Município, deu o exemplo, na tocante à iluminação dos principais monumentos e obras de arte, tendo em vista a sua valorização aos olhos do visitante e o embelezamento da própria cidade, durante a noite.

E o certo é que noutras urbes se adoptou o critério de iluminar, diariamente, monumentos locais. Leiria, por exemplo, valorizou o recorte precioso do seu castelo com admiráveis efeitos de luz. Coimbra, por sua vez, também passou a ter iluminada a elegante e airosa torre da velha Universidade—e oxalá tal decisão seja mantida, até porque aquela jóia arquitectónica se tornou, através dos tempos, o autêntico ex-libris da linda cidade das margens do Mondego.

Entretanto, por esse País fora, muitas terras há que possuem também monumentos e edifícios históricos dignos de serem iluminados, tanto mais que Portugal é, hoje em dia, um dos países do Velho Continente «descobertos» pelos turistas de todo o Mundo. Alguns desses monumentos, aliás, possuem já instalação eléctrica adequada, mas a verdade é que só em datas festivas surgem iluminados, como, de resto, acontecia, ainda não há muito tempo, na própria capital.

Como seria fácil modificar o aspecto nocturno da cidade se a Ex.ª Câmara mandasse colocar holofotes convenientes nesses locais dignos de serem admirados por quantos nos visitam e mesmo por todos nós, pois se existe uma alma grande não é difícil encontrar em cada momento um novo motivo de admiração nesses já gastos panoramas para as nossas retinas.

É uma ideia um pouco dispendiosa, mas tudo fica caro hoje em dia; cremos que da concretização deste desejo, que não é só nosso mas da maior parte dos Barcelenses, a nossa terra lucraria no respeitante a formosura e valorização.

Mãos à obra e se estivermos perante o dilema de «resolver os problemas de ontem que não podem por mais tempo ser ignorados, ou resolver os problemas de amanhã que começam a bater-nos à porta», resolvamos, então, os problemas do presente pois esses devem ser solucionados por serem os de ontem, de hoje e talvez de amanhã.

R. C.

### Procissão do Senhor dos Passos, em S. Verissimo

No dia 15 de Abril, na laboriosa e importante freguesia de S. Verissimo do Tamel, realiza-se a tradicional Procissão do Senhor dos Passos, sendo abrilhantada pela música dos Bombeiros de Barcelinhos.

Os Sermões estão a cargo do distinto Orador Sagrado, Rev.º Padre Dr. Castro Mendes. Está encarregado dos anjos e dos figurados a Casa Pinto da Rocha, de Viana do Castelo.

## BEM HAJA

Um nosso prezado amigo e ilustre Barcelense enviou mais 500\$00 para o Património da Conferência de S. Vicente de Paulo da Igreja de Santo António.

## BEM HAJA M

Os Excelentíssimos Senhores D. Maria Luciana de Azevedo Fonseca Matos Graça, Dr. José Teotónio de Azevedo Fonseca e António Luís de Azevedo Fonseca, extremos Filhos da Ex.ª Sr.ª D. Maria do Carmo Ribeiro Lima de Azevedo Fonseca e ilustres Barcelenses, em sufrágio da alma de sua querida Mãe, mandaram distribuir as seguintes esmolas:

Bombeiros de Barcelos	2.000\$00
Bombeiros de Barcelinhos	2.000\$00
Casa dos Rapazes	1.500\$00
Conferência de S. Vicente de Paulo de Barcelos	1.500\$00
Recolhimento	1.000\$00
Creche de Santa Maria	1.000\$00
Padres Capuchinhos	500\$00
Conferência de S. V. de Paulo de Barcelinhos	500\$00
Conferência de S. V. de Paulo de S. Martinho	500\$00
Conferência de S. V. de Paulo de St.º António	500\$00
Para os pobres do «Jornal de Barcelos»	250\$00
Para os pobres do Jornal «O Barcelense»	250\$00

Actos destes nobilitam quem os pratica. Bem hajam.

«O Barcelense» agradece, em nome dos 50 protegidos, a generosa esmola.

## Pelo Colégio D. António Barroso

### I)—UM PRÉMIO NACIONAL

Há quem diga que é pequeno. Atrevo-me a contestar a afirmação, pois se um objecto se deve avaliar pela qualidade dos valores que encerra, a expressão atinge o máximo de veracidade quando esse objecto é uma casa de educação e instrução.

Sim, o Colégio D. ANTÓNIO BARROSO é grande e quem o negasse teria de ser incrinado de tendencioso. Grande em valores morais e grande em valores intelectuais: educação e instrução caminham, nesta Casa, de mãos dadas e a passos largos.

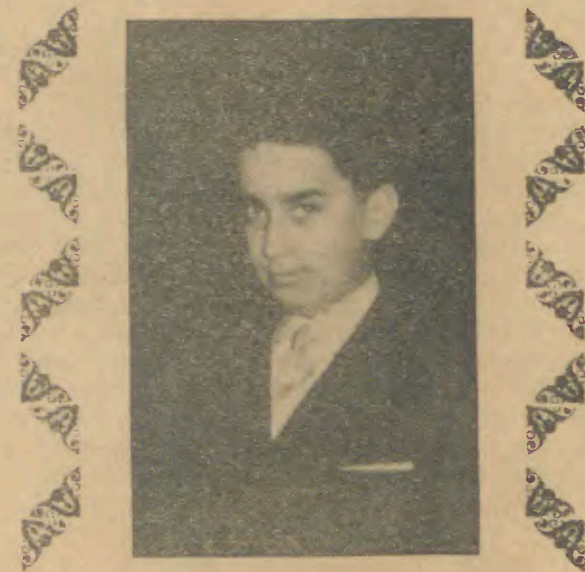
E, para quem não se contentasse com as provas irrefutáveis que, ano após ano, ele se orgulha de apresentar ao público, eu relataria sumariamente dois factos que, num certo espaço de tempo, deram origem a duas festas no nosso Colégio.

A primeira no dia 10 de Março, consistiu na entrega do I.º prémio instituído pelo Grémio dos Estabelecimentos de Ensino Particular para o melhor aluno de Portugal dos referidos Estabelecimentos no exame do 5.º ano. Pois esse prémio, no valor de mil escudos, coube, pela quarta vez consecutiva, ao nosso glorioso Colégio, este ano na pessoa do ex-aluno do 5.º ano EURICO DIAS GOMES que recebeu das mãos do nosso Director, Dr. José Rodrigues Fernandes, após o Sr. Pe. Abel Gomes da Costa se ter referido às invulgaridades morais e intelectuais do premiado, Professores e alunos, e até muitos seus colegas amigos, lá estiveram para abraçar e felicitar o brioso estudante.

Parabéns ao Colégio e parabéns ao seu antigo aluno que tão dignamente o honrou e a quem, mais uma vez, enviamos a nosso cartão de felicitações.

### II)—RECORDAÇÃO E SAUDADE

A segunda festa, no dia 14 de Março, foi de recordação. Sim, de recordação, porque recordar é viver. E a comunidade desta Casa recordou saudosamente, nesse dia, a memória de um seu ex-aluno que, embora tenramente ceifado pela sombra sinistra da morte, as suas angélicas virtudes e nobre exemplo ainda o tornavam bem vivo



Miguel Teotónio Matos Graça

bem presente adentro das suas paredes. Chamavam-lhe o «MITÓ»; é que seu nome era Miguel Teotónio Matos Graça.

Festa simples, mas com um programa bem traçado. Para tal, perguntou-se (!) ao jovem homenageado quais os números mais adequados num acto deste género. Quis em primeiro lugar, uma missa; principiou às 12 horas, na Capela de S. José, com a participação de todos os alunos, professores e Director do Colégio, família e muitas pessoas amigas. Findo este acto sagrado, seguiu-se uma sessão presidida pelo nosso digníssimo Director, Dr. José Rodrigues Fernandes, e a que assistiram, além dos referidos professores e alunos, o bondoso pai do memorado, o senhor Miguel Matos Graça, a quem o Sr. Director convidou, logo de início, a descerrar um quadro com a fotografia do exemplar estudante que permanecerá no nosso Colégio a testemunhar a sua presença viva e edificante.

Falou o Sr. Director que, quase com as lágrimas nos olhos, lembrou a impressionante humildade e nobre carácter desse jovem a quem a doença e depois a morte apenas permitiram que frequentasse o 2.º ano. Falou depois o Sr. P.º Abel Gomes da Costa que no-lo apresentou, em termos escaldantes, como modelo a seguir por todos nós, na qualidade de estudantes cristãos de que ele dava vivo testemunho; e falaram ainda três colegas que

com ele viveram e melhor o conheceram.

No final, num gesto simpático de reconhecida generosidade e sem dúvida estimulante dos mais úteis esforços, e pensando deste modo interpretar os desejos de seu inesquecível filho, o Sr. Miguel Matos Graça depositou nas mãos do Sr. Director três valiosos prémios em dinheiro, que instituiu perpétuamente para serem distribuídos por três alunos do 2.º ano, sendo este ano contemplados, António Brochado Pedras, Ivo Boaventura e José Monteiro de Freitas.

Bem haja o Colégio por esta iniciativa tão justa, paz à alma do angélico «MITO» que temos a certeza estar juntinho de Deus, e parabéns, acompanhados embora de sentidos pésames, aos pais que tão altamente souberam temperar a sua alma e o seu carácter.

Um ex aluno

\*\*\*\*\*  
José Maria Monteiro Torres  
MISSA

A família deste saudoso Barcelense que no dia 2 de Abril, faz 8 anos que faleceu, manda rezar uma Missa por sua alma, às 8 horas desse dia, na Igreja de Santo Antonio, agradecendo às pessoas que tomem parte nesse acto religioso.

Barcelos, 31 de Março de 1962.

TOTOBOLA  
AGENTE OFICIAL

José Pereira da Silva Corrêa  
CASA IRIS—Barcelos

“O BARCELENSE”  
HÁ CINQUENTA ANOS

31 de Março de 1912

SEMANA SANTA—«Na próxima quinta-feira Santa, haverá na igreja da Misericórdia, sermão do Ecce Homo pelo notável orador sagrado sr. dr. Chouzal, Conego da Sé de Portalegre.

No Templo do Bom Jesus da Cruz haverá, 5.ª e 6.ª feira Santa officios de Trevas.

MEDALHA DE OURO—«O nosso Amigo sr. Joaquim Duarte Salvação acaba de ser premiado mais uma vez pela especialidade do fabrico da excelente laranja de doce.

Foi em Setembro ultimo, na exposição de pomologia que se realizou no Palácio de Christal do Porto que o sr. Salvação obteve para as suas primorosas laranjas de doce o honroso premio de uma medalha de ouro.

ASSOCIAÇÃO HUMANITARIA—«Hoje efectuar-se-ha a eleição dos corpos gerentes da Associação Humanitaria de Socorros Barcelinense. Consta que se trava lucta entre os diversos apologistas de varias listas que vão ser apresentadas.

TOTOBOLA

Foi nomeado Agente Central nesta cidade e concelho

JOSÉ LOURENÇO RODRIGUES

Café da Praça

FESTAS DE ANOS

No dia 3 de Abril faz 85 anos o nosso velho amigo, Sr. Fernando de Andrade.

—No mesmo dia também fazem anos o nosso amigo e Redactor, Sr. José Ribeiro Novo e a Ex.ª Sr.ª Dr.ª D. Julieta Maria da Silva Barbosa Pereira Monteiro, distinta Professora.

—No dia 5 tem a sua festa de aniversário o nosso amigo, Rev.º Padre Constantino Macedo e Sousa.  
«O Barcelense» felicita os ilustres Barcelenses.

CINE-TEATRO GIL VICENTE

Amanhã às 15,30 e às 21,30 horas, apresenta este cinema mais uma grandiosa produção em CinemaScope e cor de luxo e que é um dos mais assombrosos espectáculos do ano:

VINGADOR SEM PIEDADE

Um filme de odio e de amor, com Gregory Peck, Joan Collins, Stephen, Boyd, e muitos outros.

Para maiores de 17 anos.

Na 5.ª-feira, 5, às 21,30 horas, um notavel filme de ficção científica, produção Japonesa, em CinemaScope e em eastmancolor:

MUNDOS EM GUERRA

A terra atacada pelos piratas do espaço. A desintegração dos invasores. Populações controladas pelos raios cósmicos.

A terra perante uma ameaça de outro planeta. Uma história de constante «suspense».

Para maiores de 12 anos.

FESTAS DAS CRUZES

A digna e incansavel Commissão que vai levar a efeito as tradicionais e importantes festejos das Cruzes—Festas de Barcelos—foi muito bem recebida pelos Barcelenses, no seu primeiro peditorio, realizado no dia 26.

As Festas, além de grandes Festivais, constarão de Feiras, Festas Religiosas no Templo do Senhor da Cruz, Procissão de Santa Cruz, lindas ornamentações, fogos, iluminações, serenata no Rio Cávado, ranchos folclóricos no Parque, etc. etc.

Se aprecia Café

Tome-o ou compre-o no Café e Pastelaria Arantes porque é difficil encontrar igual em qualquer parte.

IGREJA DE SANTO ANTÓNIO

Amanhã—Exame de Consciência: a) E' necessário para um bom arrependimento b) E' necessário para uma sufficiente accusação.

Rádio—Electricidade

Televisão

ARMINDO SILVA  
R.D. António Barroso, 89-1º  
Telefone 8 2708

Pensão—Passa-se

Em optimo local, e em boas condições, por motivo de doença do seu proprietário. Informa a Redacção.

CASA

Aluga-se, no lugar das Pontes—Bairro Novo Distância da Fábrica «Tor», 10 minutos.

Informa a Redacção.

\*\*\*\*\*  
Prefiram sempre a

CASA SOUCASAUX

Telefone 8 2345

Fotografias, Rádios, Oculos Artigos fotograficos, etc.

FUNDO DE TURISMO

O turismo exerce na vida hodierna das nações funções de notável importância, não apenas como fonte de receitas, mas, e muito especialmente, como meio de expansão cultural que é. Por seu intermédio mais facilmente se conhecem e aproximam os povos, na divulgação dos seus aspectos naturais ou urbanísticos, do conhecimento dos seus usos e costumes, da propagação da sua língua, no contacto directo com as suas instituições tradicionais, culminando pelo enriquecimento do seu património económico e social.

Não faltam à Terra Portuguesa atractivos para prender as atenções do turista mais exigente, quer na animada policromia dos seus quadros paisagísticos, cenários de luminosidade sem par que, na suave diversidade das expressões, encontram a unidade de coesão estética que os notabiliza, desde as encostas alicantadas dos sistemas orográficos que morrem entre o Minho e o Tejo, à charneca ardente da terra transtagana; que ainda nas abundantes reminiscências pré—históricas, medievas e renascentinas que a cada se erguem, numa perene evocação de eras obscuras e longínquas, como memória à remota presença do homem na Terra Lusitana, constituindo um todo admirável, emoldurado pela espuma das águas atlânticas, na eterna canção das enchentes e vazantes.

Portugal oferece generosamente ao turista ávido de sol e de paz, cansado da rotina febricitante das grandes metrópoles, o sorriso acolhedor dos seus recantos, a suavidade das suas praias, a tranquilidade de um ambiente pleno de luz e de harmonia que o prende e o enternece, um Povo franco e acolhedor, as mais gratas expressões de uma beleza, graça e frescura, explicam sem esforço a predilecção de milhares de turistas estrangeiros que anualmente nos visitam.

Não podiam os poderes públicos ficar indiferentes aos inúmeros recursos turísticos da Terra Portuguesa, em face do movimento que noutros países se estava então levando a efeito nesse sentido. Coube ao Secretariado Nacional de Informação a tarefa de tornar Portugal um País de turismo. E a sua acção com esse objecto tem sido notável a todos os títulos, tanto na descoberta de recantos de interesse, como no estabelecimento de condições de acesso e estadia nesses lugares.

Entre os empreendimentos levados a termo em prol das actividades turísticas nacionais pelo dinamismo daquele departamento público, situa-se, em posição relevante, a atenção dispensada às instalações hoteleiras do País, através do Fundo de Turismo.

O exercicio deste Fundo, no ano findo, cujos números acabam de ser publicados na grande imprensa, reflectem de forma incontestável o volume e a qualidade do seu trabalho. Cerca de quarenta e sete mil contos de financiamentos em 1961 é montante suficientemente esclaecedor da obra realizada.

A indústria turística, porém, reveste-se de uma maior complexidade:—não bastam existir apenas lugares de eleição e instalações confortáveis anexas. É necessário alindá-los, facultá-los, em suma, dar a conhecer todos os seus perfis, através de uma publicidade aliciente, séria e construtiva. As manifestações tradicionais e folclóricas do nosso Povo, tão originalmente coloridas e movimentadas, são outros tantos motivos a considerar num plano de desenvolvimento turístico. E a todas elas, criteriosa e equilibradamente, o Fundo de Turismo tem dado audiência, como pode verificar-se pelos números publicados.

Silva Baptista

FITAS DE CARPINTEIRO

BOLOS DE GEMA DA FIGUEIRA DA FOZ  
TORTA ARGENTINA  
QUEQUE INGLÊS  
BOLO RUSSO  
SEMINARISTAS  
LÍNGUAS DE SOGRA

Fabrico especial da PASTELARIA ARANTES

Tractores alemães «DEUTZ»

REFRIGERADOS POR AR

Não são os mais baratos, mas são indiscutivelmente os melhores, porque são os mais ECONÓMICOS E RESISTENTES  
Temos para entrega imediata com as potências de:  
15—25—35—40—50—65—75 e 100 cv.

Não comprem sem pedir uma demonstração gratuita a

CORRÊA & CARDOSO

BARCELOS — Telefone 82442

Agentes Officiais nos Distritos de:

BRAGA e VIANA DO CASTELO

SENHOR LAVRADOR:

Ainda não comprou uma máquina de sulfatar motorizada?

Faça uma visita às Oficinas da GARAGEM CASTRO que fabrica a máquina que lhe convém

Largo do Teatro—BARCELOS

Telefones: 82408  
82625



Hora de Verão

Amanhã, dia 1, às 2 horas da madrugada, os relógios têm de ser adelantados 60 minutos ficando, até ao primeiro Domingo de Outubro, a Hora de Verão.

\*\*\*\*\*  
José de Sousa Neiva

Este nosso prezado amigo e digno Funcionário de Finanças, encontra-se enfermo, tendo de ser operado.

Que seja feliz e que recupere a saúde perdida, são os nossos votos.

«Seara Nova»

Acaba de se publicar o n.º 1396 com o seguinte sumário:  
(Editorial)—Reforma Agrária Rogério Fernandes—Vieira de Almeida.

Luis Ribeiro—A África pré-capitalista (3).

J. Sant'Ana Dionisio—A reforma das Faculdades de Ciência (XVIII).

De Leste a Oeste (Um olhar sobre as Americas—2, por C. S. e P. S.) Inquérito aos Escritores (depoimentos de João de Araújo Correia e Vasco Branco). Livros (Críticas de José Hipólito e V. Costa Marques). Música (Uma crónica de José Estevão Saporites). Noticiário. Factos e Documentos.

Donativos

A Ex.ª Direcção Geral da Assisténcia contemplou com 10 contos o Colégio Missionário de Arcozelo e, com 8 contos, a Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.

\*\*\*\*\*  
TERRENO

Vende-se, em talhões, na «Quinta do Olival», próprio para construções. Já está integrado no Plano de Urbanização.

Para mais informações falar com o Sr. José Torres, em S. João de Vila Boa.

FARMACIA DE SERVIÇO Amanhã, está de serviço a Farmácia Lamela.

ANUNCIO

Ficam por este meio avisados os credores de FILOMENA GONÇALVES DIAS, residente em S. Miguel da Carreira, a apresentarem os seus créditos até ao dia 4 de Abril do corrente ano, pelas 15 horas, na residência do Ex.º Senhor Adélio de Araujo Castro, morador na citada freguesia. Não serão considerados os créditos apresentados depois da citada data.

S. Miguel da Carreira, 24 de Março de 1962.

Adélio de Araujo Castro

Vendem-se os seguintes prédios, nesta cidade:

—Casa de habitação e anexos, ao Largo da Madalena, N.ºs 107 a 111;—Casa com armazém, habitação e quintal, à Rua da Madalena, N.ºs 11 a 13;—Casa de habitação, com quintal, à mesma Rua da Madalena, N.º 10; e Casas (duas), com parte comercial e habitação, à Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, N.ºs 73 a 81.

Falar com o Advogado desta comarca, Sr. Dr. Américo Figueiredo.

BARCELOS



Seu relógio é um objecto delicado

Confiando-o sempre a relojoeiro experimentado e cuidadoso terá melhor funcionamento e mais anos de duração.

JAIME DE MATOS ARAÚJO  
(RELOJOEIRO DIPLOMADO)

Está às suas ordens e agradece a preferência

Rua Faria Barbosa, 1 (Junto à Ponte)—BARCELOS

«PINCOR»

«ESCOLA DE CONDUÇÃO»  
Preferi-la é defender os v. interesses. Scooter, Motociclos, Ligeiros e Pesados. Amadores e Profissionais.

INSTRUTORES PERMANENTES DE TEÓRICA E TÉCNICA

«PINCOR»

Praça da Batalha, 137—Telefone 24772—PORTO

O PÃO DE LÓ da Pastelaria Arantes

tem sido todos os anos considerado o melhor.

«CASA DOS MAGALHÃES E MENEZES DE BARCELOS» (CONDE DE VILLAS-BOAS)

Notas de História e Genealogia

por: *Ilídio Eurico Gomes Ramos*

(Continuação do último número)

JOSÉ DE MAGALHÃES E MENEZES, fidalgo da Casa Real, Coronel das Milícias de Barcelos e Senhor por parte de sua esposa do Morgado de Airó, e por linha varonil dos Magalhães e Menezes de Barcelos; foi juiz da Irmandade do Santíssimo Sacramento, erecta na Colegiada de Barcelos, e faleceu na Foz do Douro, sendo sepultado na Capela do Paço dos Morgados de Airó, a 14 de Setembro de 1870.

FERNANDO DE MAGALHÃES VILLAS-BOAS, Senhor desta Casa, assentou praça em 3 de Janeiro de 1839, e tendo 25 anos de idade foi promovido a Alferes em 26 de Novembro de 1840, a Tenente em 21 de Setembro de 1843, a Capitão em 13 de Novembro de 1849, e a Major em 29 de Abril de 1851.

Foi agraciado com o hábito de Cavaleiro da Ordem Militar de S. Bento de Aviz, e condecorado com as medalhas de prata de Bons Serviços e de Comportamento Exemplar, pelos notáveis serviços prestados ao Reino. Foi Deputado em Córtes.

FERNANDO DE MAGALHÃES E MENEZES DE VILLAS-BOAS, sobrinho do fidalgo antecedente, assentou praça em 19 de Julho de 1863, tendo a idade de 21 anos. Foi promovido a Alferes em 3 de Janeiro de 1866, a Tenente em 21 de Janeiro de 1868, e a Capitão em 21 de Abril do mesmo ano. Como seu tio, também pertenceu ao Corpo do Estado Maior, tendo nascido em Barcelos e era filho do Coronel das Milícias de Barcelos, José de Magalhães e Menezes Junior.

**Linha da Família do Sr. Conde e Biografia de seu Pai:**

FERNANDO DE MAGALHÃES E MENEZES, Cavaleiro da Casa Real, e pai do Senhor Conde de Villas-Boas, nasceu na sua Casa do Paço de Alvelos, da freguesia de Freixo de Baixo, do concelho de Amarante e Distrito do Porto, no dia 13 de Setembro de 1840.

Era filho do illustre Fidalgo, Senhor José de Magalhães e Menezes, e de sua esposa D. Adelaide Perfeito, Senhora de muitos nobres merecimentos e educação.

Casou com D. Adelaide Herminia Teixeira de Moura, em 12 de Agosto de 1871, de cujo casamento existiram os seguintes filhos:

Fernando, que nasceu em Barcelos em 15 de Fevereiro de 1873.

José, que nasceu em 6 de Junho de 1874.

Adelaide, que nasceu em 1 de Abril de 1876.

Maria, que nasceu em 5 de Agosto de 1880.

Maria, que nasceu em 9 de Maio de 1886.

Alistou-se voluntário no Batalhão de Caçadores 9, em 19 de Julho de 1862, servindo neste batalhão durante dois anos, sendo promovido a Alferes-Aluno em 7 de Abril de 1865.

Em 23 de Setembro de 1862 foi-lhe concedida licença para frequentar a Universidade de Coimbra, e tendo sido declarado Aspirante a Oficial em 5 de Abril de 1845, recebeu licença para se matricular no Exército em 14 de Setembro de 1863.

Graduado em Furiel a 13 de Agosto de 1864, foi promovido a Alferes para o Regimento de Infantaria N.º 3, em 3 de Janeiro de 1866, por «se achar habilitado com o Curso do Estado Maior».

Passou para o Regimento de Infantaria N.º 5, em 7 de Agosto de 1866, e transitou para Infantaria N.º 3, em 31 de Dezembro do mesmo ano.

Promovido a Tenente para o referido regimento, em 21 de Janeiro de 1868, foi mandado fazer o seu tirocínio, em 24 de Dezembro de 1868, no Regimento de Cavalaria N.º 2 dos Lanceiros da Rainha.

Em 18 de Março daquele mesmo ano foi mandado pelo Comandante Geral de Artilharia fazer tirocínio no Regimento de Artilharia N.º 4, o qual ficou concluído a 18 de Abril do referido ano.

Elevado a Capitão para o Corpo do Estado Maior, em 21 de Abril de 1868, foi em seguida nomeado Ajudante de Campo do Comandante da 3.ª Divisão Militar.

Foi promovido a Major, em 24 de Novembro de 1871, e nesta qualidade foi encarregado juntamente com outros oficiais, de proceder ao levantamento topográfico da carta da fronteira.

Major para o Corpo do Estado Maior, em 31 de Outubro de 1884, foi nomeado para servir na Comissão de Limites da Fronteira, por officio do Ministério da Guerra de 9 de Abril de 1885.

Pelo seu valor militar e consagrados méritos ascendeu a Sub-Chefe do Estado Maior da 3.ª Região Militar, em 24 de Maio de 1886.

Promovido a Tenente-General para o Corpo do Estado Maior, em 5 de Junho de 1890, subiu a Coronel para o mesmo Corpo, em 30 de Junho de 1893.

Na mesma data foi nomeado para o alto posto de Chefe do Estado Maior da 3.ª Divisão Militar.

General de Brigada em 10 de Setembro de 1846, foi nomeado para o espinhoso cargo de Governador Geral da Província de Cabo Verde, em 27 de Julho de 1893, em cujo exercício «Se desempenhou com dedicação e zelo inextinguíveis».

Foi Bacharel em Matemática pela Universidade de Coimbra, recebendo pela sua aplicação nos estudos um prémio pecuniário, no 2.º ano transitório da Escola do Exército, no ano lectivo de 1864—1865.

Da sua Carta Geral de Habilitações, passada pela Escola do Exército em 18 de Setembro de 1865, «Consta têr concluído em 20 do mesmo mês e ano o Curso do Estado Maior com distinção».

Pela sua brilhante folha de serviços prestados à Pátria, foi agraciado com o Grau de Cavaleiro da Ordem Militar de S. Bento de Aviz, por decreto de 5 de Agosto de 1893, e de Comendador da Ordem Militar da Torre e Espada, de Valor, Lealdade e Mérito, por decreto de 30 de Abril de 1891.

Depois de uma vida inteira dedicada exclusivamente ao serviço das armas, o Senhor Fernando de Magalhães e Menezes, faleceu a 9 de Setembro de 1899.

(Dos apontamentos militares do Sr. Tenente Francisco Cardoso e Silva).

(Continua)

OS CEGOS

e as bengalas brancas

Da Associação dos Cegos do Norte de Portugal, Rua do Almada, 365-2.º Dto., Porto, recebemos com o pedido de publicação, o seguinte documento: «Em virtude de ter caído no esquecimento o texto da Portaria abaixo inserta, cuja actualidade é cada vez maior, dado o aumento constante do tráfico, chama-se a atenção de todos para a mesma, pois a sua observância poupará muitas vidas e incómodos.

Note-se que esta Portaria determina o uso das bengalas todas brancas, quando há uma dúzia de anos começaram a usar-se, ninguém sabe porque, listradas de encarnado. A A.C.N.P. distribui, dentro das suas possibilidades, bengalas brancas a quantos cegos lhas requisitarem».

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
Direcção Geral de Assistência  
2.ª Repartição  
Portaria n.º 7546

Atendendo a que tem aumentado consideravelmente o trânsito de pessoas e veículos nas principais cidades do País, designadamente em Lisboa;

Atendendo a que é importante o número de pessoas cegas, que forçadas pelas necessidades da sua vida particular ou profissional, transitam desacompanhadas pela via pública;

Convinde providenciar de maneira que as pessoas cegas sejam preservadas de desastres das travessias de ruas de maior movimento;

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Interior, que os agentes de policia, sem prejuizo do seu serviço, auxiliem os cegos nas travessias perigosas das ruas em que seja grande o movimento e lhes prestem quaisquer indicações que lhes sejam pedidas, devendo os cegos para mais facilmente se tornarem notados usar uma bengala de punho recurvado, pintado de branco, e que só poderá ser por eles utilizada na via publica.

Paços do Governo da República, 11 de Março de 1933.—O Ministro do Interior, Albino Soares Pinto dos Reis Júnior.

\*\*\*\*\*

**Pedra para a nova Igreja Paroquial de Vila Frescaína S. Martinho**

No dia de S. José—19 de Março—nesta vizinha freguesia realizou-se mais uma «acarretada» para as obras da nova Igreja Paroquial.

Agora, contribuíram com os seus carros e camionetas, os Snrs.:

António Pereira de Andrade, Manuel Narciso Alves Pereira—2 carros, António de Jesus Mano, Euclides Peixoto de Fonseca, Manuel Jesus Villas Boas—Midões, Barcelos, António Rodrigues Gonçalves, Aires Gomes da Fonseca, Manuel da Silva Abilheira, Joaquim Lopes de Figueiredo, José Cardoso da Silva, Francisco Martins Vieira, José Rodrigues Gonçalves, António Manuel Gomes de Faria, Manuel Figueiredo de Araújo, António Cardoso de Faria, Domingos da Silva Rodrigues, Artur Dias, Valentim Alves Rodrigues—Abade do Neiva, Manuel Alves da Silva—Areal, Manuel Alves da Silva—Barral, Manuel Rosa Baptista da Costa, Quinta do Barral, Manuel da Cruz Vilas Boas—Abade do Neiva, Manuel Pereira da Silva, Paulino Eiras Mano—S. Pedro, Manuel da Silva Oliveira, José Joaquim Oliveira da Cruz, Domingos Alves da Silva, Joaquim Ferreira da Silva—Abade do Neiva, António Martins da Silva, Manuel da Silva Figueiredo—Abade do Neiva, Joaquim da Silva Figueiredo, José Gomes—2 carros, Francisco de Sousa Martins—Abade do Neiva, Manuel de Sousa Martins—Abade do Neiva, Francisco Gomes da Costa—Barcelinhos, Adelino Machado Ferreira—Alvelos, João Cardoso de Freitas, José Cardoso da Silva—Abade do Neiva, Alexandrino José da Silva, António da Silva, Domingos Lopes de Figueiredo, Alexandrino Gomes Brandão—S. Pedro, João Baptista Brandão—Abade do Neiva, Joaquim José da Costa—Barcelinhos, Daniel da Costa—Barcelinhos, Paulino Carvalho de Miranda, José Cardoso, António Gonçalves Cardoso, João Lopes de Figueiredo—S. Pedro, Carlos Martins da Costa—S. Pedro, D. Antónia Silva—Professora—1 camioneta, João Martins (Micocas) Barcelinhos—1 camioneta, José Lopes da Costa—S. Pedro—1 camioneta, Paulo Alves da Silva, Paulo da Costa Ferreira—S. Pedro—1 camioneta, Fernando Sousa Vilas Boas e Justino Pereira Martins—1 camioneta

**Bom successo**

Com felicidade, teve um robusto menino a extremosa Esposa do nosso amigo, Sr. Dr. Manuel José Moreira da Quinta, distinto Médico. Parabéns



F U T E B O L

«Que fique a lição,, para quem?»

«Quem cala consente» e nós não podemos consentir que Barcelos e a sua gente seja caluniada só por que houve um desafio de futebol em que uns tantos quiseram sujar o seu nome próprio, arranjando pretexto para agressões que só não tiveram o castigo merecido por que a gente de Barcelos soube perdoar e ver que a cabeça nem sempre está no sítio quando as paixões mandam na razão e impedem que esta tenha a elasticidade suficiente para um domínio completo de todos os actos humanos.

Dizem que «quem tem telhados de vidro não pode atirar pedras aos dos vizinhos», ou ainda «quem não pecou que levante a mão». Nem Barcelos, Braga, Famalicão ou Viana podem levantar a mão se tomarem um caso particular como bitola para o geral. Mas uma povoação não consta somente de adeptos de futebol; ainda destes, nem todos são «discolos» ou «covardes» e assim não se pode adjectivar uma terra de desordeira, de irreverente, et., etc.

A noção da responsabilidade deve ser de cada um e deve começar por quem tem a obrigação de elucidar, com isenção e sem paixão, as massas que constituem os leitores dum jornal. Doutra maneira gera-se o caos.

Vem tudo isto a propósito duma nota de abertura que se publicou no «Jornal de Famalicão», no seu último número, em que ainda se refere ao encontro Gil—Famalicão disputado no Campo Adelino Ribeiro Novo. Barcelos (afinal o articulista tanto põe a questão em alguns como no todo) é irreverentemente maltratado nessa «irreverente» nota de abertura. Chega até ao ponto, quando diz — e aqueles poucos que aqui vieram poderão dizer com toda a franqueza e lealdade — se a tiverem — ... de duvidar da gente de Barcelos! Isto é demais, srs. do «Jornal de Famalicão», é demais e não devia escrever-se quando não se sabe quem estava entre aqueles poucos a que se referem. Afinal quem não usa de cavalheirismo, quem é irreverente, quem mostra falta de noção da responsabilidade é o sr. que escreveu essa crónica infamante.

Mas analisemos os factos.

Durante este longo Campeonato deslocaram-se a Barcelos muitas Caravanas e todas elas levaram a melhor impressão da hospitalidade barcelense. Não houve incidentes, mas confraternização mútua. Veio o Famalicão e passou-se aquilo que todos já sabem. Os incidentes surgiram porque apareceram uns tantos, a quem podemos apelar de «discolos» e «covardes», se o sr. do «Jornal de Famalicão» nos dá licença, pois as palavras são suas, e fizeram zaragata porque o «invenível» empatou em Barcelos. Ora estes «blousons noirs» apareceram com a caravana Famalicense, que todavia não podemos confundir com ela. Temos mais: Barcelos foi jogar a Famalicão e não houve incidentes como não os houve nas outras terras. Soubemos portar-nos como devíamos, e ainda bem porque assim a nossa opinião pode não ter reputações e ser considerada como certa: os Teddy-boys não eram de Barcelos, mas doutra terra...

E ponto final porque o assunto foi longe.

**GIL VICENTE 3 MONÇÃO 2**

O Gil Vicente jogou no ultimo domingo com o Desportivo de Monção, ganhando pela diferença mínima de uma bola, o que diz como este desafio foi disputado. A bola rondou mais sobre as balizas do Desportivo de Monção e os 14 cantos sofridos pelos visitantes assim o demonstra, mas nunca este Grupo se inferiorizou, pelo contrário, subiu sempre e as cores Gilistas não ganharam para o susto.

O primeiro golo surgiu aos 6 minutos num bom trabalho de Mesquita, avançado do Gil Vicente.

Aos 12 minutos novo golo para o nosso Grupo; foi marcador Mesquita que cabeceando a bola a anixou na baliza contrária.

\*\*\*\*\*

**Colonos para Angola**

«Os pedidos de informações de candidatos a colonos deverão ser dirigidos para as Juntas Provincias de Povoamento das Provincias de Angola (C. P. 6333—Luanda) e Moçambique (Lourenço Marques) as quais, por intermédio dos respectivos departamentos prestarão aos interessados os esclarecimentos solicitados.

A Repartição de Povoamento da Direcção Geral da Economia do Ministério do Ultramar—Rua Ferreira Lapa, n.º 38—tem a seu cargo a organização de embarque de colonos, a instrução dos res-

\*\*\*\*\*

Falta de espaço

Por este motivo, fica vário original para a semana.

O Monção reduziu a diferença para 2—1 por intermédio de Tareta, aos 25 minutos.

No segundo tempo fizeram-se mais dois golos, um para cada Grupo, sendo marcadores Canário e Tareta, respectivamente pelo Gil e Monção.

Notou-se fragilidade na defesa barcelense que por pouco comprometia o resultado.

O Monção foi uma boa equipa e nunca esteve inferior ao nosso Grupo.

—Amanhã o Gil Vicente desloca-se a Vila Real onde defrontará o Bairro Latino.

Boa sorte e óptimo resultado.

—Pontuação: Famalicão 16; Gil Vicente 14; Monção e Freamunde 13 cada.

\*\*\*\*\*

pectivos processos, a recolha dos documentos necessários, bem como a prestação de quaisquer outros esclarecimentos que aos mesmos interessem.

A referida Repartição de Povoamento está já organizando fichas de emprego dos interessados na ida para as provincias ultramarinas».

**PRÉDIO—Vende-se**

De lavradio, com ramadas avinhadas e situado junto a estrada. Serve para construção de casa ou casas.

Informa esta redacção.

\*\*\*\*\*

Confie os seus capitais a

**PINTO DE MAGALHÃES**  
BANQUEIROS

estão seguros e rendem sempre mais

CAPITAL E RESERVAS: SETENTA E CINCO MILHÕES DE ESCUDOS  
PORTO — Rua de Sá da Bandeira, 53 • Telefone, 20133 P.P.C.A.  
LISBOA — Rua do Ouro, 95-99 • Telefone, 36 60 56 P.P.C.  
AMARANTE - ARCOS DE VALDEVEZ - PENICHE - VILA DA FEIRA - FÁTIMA - ELVAS  
CORRESPONDENTE NO BRASIL  
CASA BANCÁRIA PINTO DE MAGALHÃES, L.ª  
RUA DO OUVIDOR, 86 • RIO DE JANEIRO  
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS